



“As estatais fogem da transparência como o diabo da cruz.”

Gil Castello Branco

ECONOMISTA

Analisando a corrupção na Petrobras

“Foi-se Steve Jobs, mas as encenações sacras continuam.”

João Pereira Coutinho

COLONISTA DA “FOLHA DE S.PAULO”

Sobre a reverência aos produtos da Apple

O vale-tudo para captar o voto desprevenido do eleitor

Márcio Garcia Vilela

Da Academia Mineira de Letras
marciogarciavilela@yahoo.com.br

As atiradeiras de cascalhos mudam de mãos

Artigo do jornalista Ricardo Noblat, publicado em “O Globo” de 15 último, é primoroso tanto na forma como nos comentários. Sob o título “Dilma faz com Marina o que Collor fez com Lula em 1989”, o articulista flagra, em texto exemplar, dois episódios tristes da história político-eleitoral brasileira que, comparados, por exemplo, com outro que os antecedeu – a campanha dos marmiteiros –, bem demonstram que, em termos de educação cívica, o nosso infeliz país, principalmente após o PT haver entrado em cena, cada vez mais é vítima de insidioso processo regressivo, em velocidade supersônica, para

recuperar o atraso do qual, com imensa dificuldade, temos buscado libertar-nos.

Em resumo, Noblat traz à baila os vergonhosos espetáculos que as pessoas educadas tiveram de suportar durante a campanha presidencial de 1989, cujas consequências desembocaram em duas contradições ainda hoje típicas da vida política nacional. Aquela feita, os torpes estímulos foram distribuídos aos sicários da campanha de Collor; na atual quadra, os instrumentos de barbárie devem ter sido retirados dos estoques do demagogo das Alagoas e empastados ao seu fiel amigo de hoje, cujo governo apoiou – e ao da sua camara-

da e protegida – na torpe corrida pela reeleição.

Os instrumentos lançadores das ofensas mais mesquinhas, das mentiras, das infâmias mudaram apenas de mão. A fúria imoral e sem escrúpulos passou apenas de usuários, com as mesmas características, dirigidas agora contra honrada militante política, fragilizada de físico pela dura luta para manter-se viva e fortalecida na coragem por ter chegado até aqui.

Sinto-me, neste turbilhão de covardia, nesta facilidade de manipular o opróbrio, neste gosto de usar qualquer meio para atingir os fins mais cruéis que massacram o senso de dignidade, como um ser perdido e

sem sentido, a confrontar valores morais que recebi e desenvolvi com a truculência física e intelectual que, como o inchaço das moléstias, tem avançado pela sociedade brasileira nos últimos tempos.

Não é possível que, no âmbito de campanhas eleitorais realizadas para esclarecer e orientar os detentores da vontade popular, na escolha dos melhores que se oferecem para representá-la, predomine a mais abominável lei do vale-tudo enquanto capta o voto desprevenido do eleitor. Assim estão utilizando esse recurso deplorável, essa malícia podre e amaldiçoada, verdadeiro crime contra a cidadania.

Ademais, como comenta Noblat, “o programa de propaganda dela (a dra. Dilma) na TV sugeriu que autonomia do Banco Central é igual a faltar comida na mesa dos brasileiros”. Meu Deus, é de estarrecer! Muito ao contrário, a autonomia formal da autoridade monetária tem por objetivo assegurar exatamente o oposto. O mais importante resultado desse status é justamente o de combater o aumento geral de preços, mantendo-lhes a estabilidade e defendendo o povo, particularmente os mais pobres e os assalariados. É incrível a desfaçatez da mentira! Até quando restarão impunes o logro e a falsidade?

Matozinhos e a ocupação da América

Beto Vianna

Linguista

www.biologuagem.com

Finalmente, encontrada uma solução

Kênio de Souza Pereira

Presidente da Comissão de Direito Imobiliário da OAB-MG

Minas sai do armário

Há muito tempo, Minas são muitas. É o que nos dizem os esqueletos milenares encontrados recentemente em Matozinhos. As ossadas, de um casal morto aos 60 anos de idade, somam-se às tantas evidências desenterradas há mais de um século de uma presença humana extensa, prolongada e diversa na paisagem mineira.

A história da pré-história de Minas começa com Peter Lund, que vasculhou grutas, sumidouros e paredões da região de Lagoa Santa e fez aflorar três tópicos quentes no povoamento da América: a antiguidade das gentes originais; a convivência entre o humano e a espetacular fauna da Era do Gelo; e a relação dos primeiros habitantes com os índios de hoje.

A escavação de sítios como a gruta do Sumidouro (dos primeiros restos humanos achados por Lund), lapa do Santo (que nos deu os ossos do casal) e lapa Vermelha mostra uma ocupação quase ininterrupta por mais de dez milênios e atesta modos de vida diversos. Alguns podem ter continuidade nas

tradições atuais. Isso inclui a utilização de plantas da região, relações variadas com a fauna local (não só de carnificina), uma rica cultura material que, além dos utensílios de pedra, inclui cestaria, cerâmica e expressões artísticas de todo tipo. Há até evidências comportamentais. O casal de Matozinhos, por exemplo, tem gerado dados preciosos sobre as relações sociais e as práticas de sepultamento, passadas e presentes.

Claro, a estrela da pré-história de Lagoa Santa é Luzia, descoberta na lapa Vermelha nos anos 70 pela arqueóloga russo-francesa Annette Laming-Emperaire. O crânio de 11 mil anos da “primeira brasileira”, estudado por Walter Neves e sua equipe, revelou traços físicos surpreendentes que aproximam Luzia de alguns povos africanos e australianos, mais que dos índios atuais. Na imprensa, o assombro resumiu-se à prova de uma presença humana anterior à da linhagem original dos povos indígenas da América. O mais importante, penso, é ignorado no discurso monotônico da

mídia: somada às descobertas esqueletais em toda a América, a cara preta de Luzia não revela uma anomalia, mas sim a esperada diversidade étnica – pré-histórica e histórica – dos ocupantes nativos do continente. A despeito do genocídio continuado que enfrentam desde a colonização, permanecem mais diversas as línguas ameríndias que as dos conquistadores europeus.

A grande contribuição dos americanos para o mundo moderno foi domesticar, bem antes da colonização, plantas fundamentais, como o tomate, o feijão e o milho (a lista é quilométrica). Assim como estudos na Amazônia revelaram manejos ancestrais (da mandioca, por exemplo), drogas do Cerrado mineiro (o pequi, o jatobá), encontradas em associação com restos humanos fósseis, podem apontar para uma antiga tecnologia de domesticação, adotada ainda hoje por índios e não índios.

Talvez a Tradicional Família Mineira de fato exista, mas não na Casa-Grande, onde fomos domesticados a enxergá-la.

Construções inacabadas

No decorrer dos últimos 30 anos, muitos empreendimentos deixaram de ser concluídos na capital, tornando-se um problema de segurança ao abrigar invasores, além de gerar um visual negativo, com “esqueletos” que prejudicam a paisagem.

O problema foi se agravando com as constantes reduções dos Coeficientes de Aproveitamento (CAs) dos terrenos. Antigamente, permitiam a construção de oito vezes a área no hipercentro, sendo limitado posteriormente para 2,7 vezes. Assim, edificações que não tinham sido concluídas por falta de compromisso ou por problemas de caixa de alguns construtores, após vencido o prazo do alvará, eram embargadas, e não havia como a prefeitura conceder sua renovação.

Há dezenas de edifícios inacabados em Belo Horizonte: no bairro Grajaú; na avenida Augusto de Lima, em frente ao Fórum Lafayette; as torres gêmeas no bairro Santa Tereza, onde os compradores não tiveram uma competente assessoria jurídica, o

que resultou na perda de tudo o que pagaram.

Agora observamos um movimento inovador na Secretaria Municipal de Planejamento Urbano, comandado pelo secretário Leonardo Amaral Castro, e na Secretaria Municipal Adjunta de Regulação Urbana, pela secretária Branca Macaúbas. O Decreto 15.678, de 5.9.2014, do prefeito Marcio Lacerda, indica que esses problemas serão solucionados em breve, com competência e sabedoria. Será evitado o aumento das edificações inacabadas. A questão é complexa, pois exige habilidade dos compradores, que devem destituir, tecnicamente, a construtora que não conduziu a obra de forma competente. Certamente, a prefeitura não premiará quem descumpriu a lei.

Em contato com aqueles gestores, observei que são sensíveis aos riscos de milhares de compradores que não conseguiram tomar posse de seus apartamentos, salas ou lojas em decorrência da má-fé de algumas construtoras, que receberam os valores correntes e os desvia-

ram, deixando a edificação sem conclusão. Quem tem uma obra pendente terá que protocolar seu requerimento até o dia 4 de novembro próximo, para que possa obter a revalidação ou um novo alvará de construção que autorize a conclusão da obra, mesmo que o Coeficiente de Aproveitamento seja maior que o limite hoje vigente, de 2,7 vezes a área do terreno.

Há outras novidades que estão por vir e poderão beneficiar também as obras iniciadas após o ano de 2010.

Graças à competência e sensibilidade dos secretários Leonardo de Castro e Branca Macaúbas, espera-se que sejam criadas contrapartidas plenamente aceitáveis pelos proprietários das obras. Os cidadãos e a cidade agradecerão inclusive aos vereadores que, movidos por espírito público, certamente aprovarão com celeridade a Operação Urbana Simplificada, que eliminará as obras inacabadas e que prejudicam todos os belo-horizontinos há décadas.

O TEMPO

ENDEREÇOS
Sede Comercial
Rua Pernambuco, 712 - Funcionários
Belo Horizonte - MG - CEP 30.130-151
Fone (31) 2138-3900 - Fax (31) 2138-3920
Web.: www.otempo.com.br
e-mail: comercial@otempo.com.br
Redação e Industrial
Avenida Babita Camargos, 1.645
Cidade Industrial, Contagem - MG
CEP 32.210-180 Fone: (31) 2101-3000

SERVIÇOS EDITORIAIS
The New York Times
AGÊNCIAS NOTICIOSAS
Associated Press,
Agência Globo,
Folhapress e
Agência Estado

ATENDIMENTO AO ASSINANTE:
0800-703-4001
(interior)
(31) 2101-3838
(Capital e Grande BH)
Horário de funcionamento:
Segunda a sexta-feira: 7h às 19h
Sábado, domingo e feriados: 7h às 13h
E-mail: atendimento@otempo.com.br

FILIADO À ANJ
Associação Nacional de Jornais www.anj.org.br
IVZ
FILIAL DO INSTITUTO VERIFICADOR DE CIRCULAÇÃO

PREÇO DA ASSINATURA: NORMAL MG
(consulte nossas promoções)

Anual	Semestral	Trimestral
R\$ 492,00 à vista ou: 2 x R\$ 246,00 3 x R\$ 164,00 4 x R\$ 123,00 6 x R\$ 82,00	R\$ 246,00 à vista ou: 2 x R\$ 123,00 3 x R\$ 82,00 4 x R\$ 62,00	R\$ 123,00 à vista

ESCRITÓRIOS COMERCIAIS

SÃO PAULO
Avenida Jamaris, 100 - Sala 207 - Bairro Moema - São Paulo - SP - CEP 04.078-000
Fone/fax:
(11) 5531-3334 - (11) 5531-3336 - (11) 9935-3534
E-mail: rodrigo.simoes@otempo.com.br

RIO DE JANEIRO
Bueno Comunicação - Av. Almirante Barroso, 63 - Sala 2012 - Edifício Cidade do Rio de Janeiro - Centro - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20.031-003
Fone: (21) 2524-5644 ou (21) 96968-2255
E-mail: barbara.bueno@buenocomunicacao.com.br e fbueno@buenocomunicacaodf.com.br

BRASÍLIA
Bueno Comunicação - SRTVS - Quadra 701 - Bloco O - Conj. 896 - Edifício Centro Multiempresarial - Asa Sul - Brasília - DF - CEP 70.340-000
Fone/fax: (61) 3223-6999 - (61) 8179-7215
E-mail: daniela.bueno@buenocomunicacaodf.com.br e fbueno@buenocomunicacaodf.com.br

ESPÍRITO SANTO
Bueno Comunicação - Rua Professor Elpidio Pimentel, 409 - Sala 201 - Edifício Macondo - Mata da Praia - Vitória - ES - CEP 29.065-060
Fone/fax: (27) 3376-5095 e (27) 98129-0362
E-mail: violeta@buenocomunicacaes.com.br e fbueno@buenocomunicacaodf.com.br